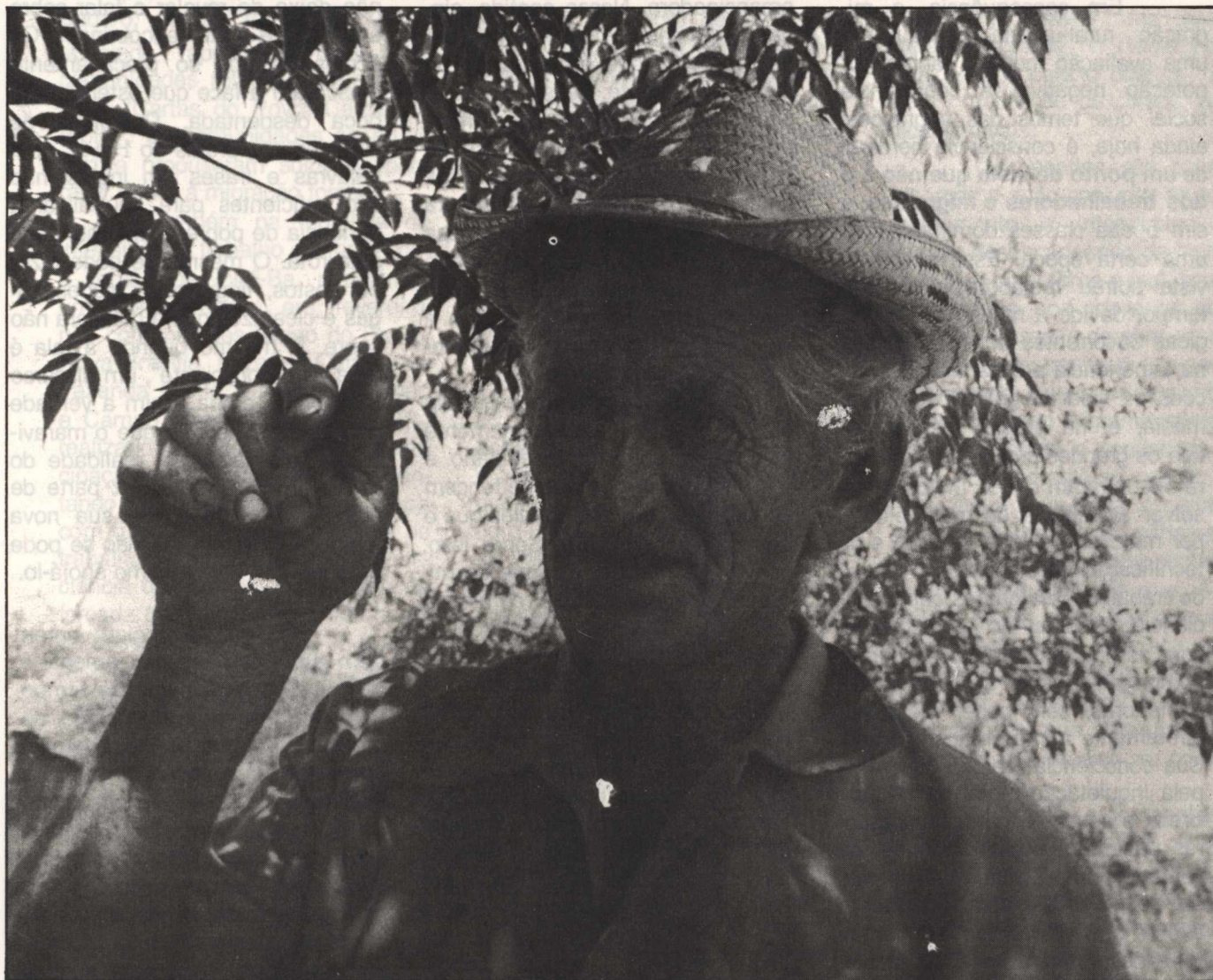


# MIGRAÇÕES TEMPORÁRIAS

José de Souza Martins

## problema para quem?

(Depto. de Sociologia, Universidade de S. Paulo)



Desde os anos cinquenta, com a acentuação das migrações do Nordeste para o Sudeste, as migrações têm sido encaradas, no Brasil, como um problema social. Naqueles tempos, falava-se dramaticamente no **êxodo rural**, no deslocamento maciço de populações do campo para a cidade. A primeira

carta pastoral católica favorável à reforma agrária, a de D. Inocêncio, bispo de Campanha (MG), foi motivada por uma alarmada preocupação com o êxodo rural e os problemas que ele criava. Porém, **em que** consistia o problema social constituído pelo êxodo rural? Problema **para quem?** O grito alarma-

do contra e êxodo tinha duas proveniências bem claras: de um lado, dos grandes proprietários de terra, preocupados com a perda da mão-de-obra barata ou, até, gratuita que ocupavam em suas fazendas. De outro lado, grupos urbanos, particularmente a classe média, assustada com o crescimento da popula-



ção pobre nas cidades, a mendicância, a delinquência e outros problemas daí decorrentes. Entre os problemas, a perda da tutela política dos grandes proprietários sobre os trabalhadores rurais e, na cidade, a ação política dos comunistas sobre os trabalhadores imigrados. Esse temor está claramente anunciado na carta episcopal mencionada.

Em consequência, a migração rural-urbana passou por uma avaliação moral e ganhou conotação negativa. A consciência social que temos das migrações, ainda hoje, é consciência herdada de um **ponto de vista que não é o dos trabalhadores e migrantes**, e sim o das classes dominantes de uma certa época. Esse ponto de vista sofreu reelaboração com o tempo, devido a mudanças ideológicas decorrentes de modificações na experiência prática e nas condições de vida de grupos de classe média, e, na própria medida em que os grandes proprietários de terra encontraram outros meios de resolver a carência de mão-de-obra, por meio do trabalho sazonal e da tecnificação de etapas do processo de trabalho. São grupos cuja consciência transitou do compromisso com as classes dominantes para o compromisso com as classes trabalhadoras, sem poder mergulhar diretamente numa prática operária. Sua consciência é ainda dominada pela inquietação moral com a **pobreza** e seus efeitos desagregadores na ordem social. Esconde, na verdade, uma típica preocupação de classe média com a preservação da ordem. **Problema** é, portanto, a desordem. Esse é um problema para as classes dominantes e não para os trabalhadores (por isso, torna-se com frequência um problema de polícia).

Uma sutil adaptação procurou resolver essa contradição, que com o tempo foi ficando nítida: a preocupação com as **migrações** deixaria de ser uma preocupação de classe dominante ao se tornar uma preocupação **com os migrantes**. Isso, porém, não a tornou,

até hoje, uma preocupação **dos migrantes**. Daí decorre a facilidade com que o "problema" recebe respostas assistenciais por parte daqueles que se preocupam com os migrantes e com facilidade, também, se busca novas formas de tutela sobre eles. O que apenas substitui a tutela clientelística do fazendeiro por uma tutela nova, esclarecida, iluminística, mas não emancipadora. Nesse sentido, ainda se trabalha com uma concepção de **problema** que é concepção de classe dominante, na sua variante paternalista, muito viva no Brasil, de classe tutora das classes subalternas. Mas, o **problema real**, aquilo que a migração representa **para o migrante**, fica fora dessa perspectiva. Às vezes se supõe que ouvindo e transcrevendo a fala do migrante está se revelando a sua realidade profunda e a sua interpretação do problema.

Esquecemos que essa fala está, também, frequentemente constituída por um vocabulário e por uma lógica que não pertencem ao trabalhador e sim àqueles que o dominam e exploram. Sobre isso, convém lembrar que a fala do migrante é, quase sempre, dominada pela lógica da mercadoria e do dinheiro, da quantidade, e recoberta pelo fascínio do maravilhoso e ilimitado das coisas que podem ser compradas e vendidas. O maravilhoso se torna mais amplo e poderoso em relação àqueles que, justamente, vivem no mundo limitado da carência. Nem sempre prestamos atenção aos significados que o fascínio dos óculos escuros tem sobre migrantes temporários em várias regiões, entre garimpeiros, peões, e pela importância que seu comércio tem entre marreteiros e ambulantes nas estações rodoviárias e ferroviárias: os óculos escuros dão ao trabalhador uma face nova, uma máscara que define as pessoas no grande mundo das mercadorias (e da cidade), um novo modo de ser visto com a máscara da "coisa" nesse mundo de relações sociais coisificadas e de concepções coisificadas. É um ingre-

diente de nova identidade. Ao mesmo tempo, constitui um novo modo de ver os outros e as coisas. Corresponde a uma nova visão de todos e de tudo. É a constituição do **sujeito** como **objeto** visível para os outros e para si mesmo.

Se, por um lado, essa visão e a fala que a ela corresponde encobrem, para o próprio trabalhador, a sua realidade, por outro lado, não deixa de revelar e falar sobre aquilo que está encobrindo. Os óculos escuros só precariamente mascaram a face que ostenta uma boca desdentada. Desenhos de surfistas em praias do Havaí, com palavras e frases em inglês, não são suficientes para neutralizar a denúncia de pobreza de uma camiseta rota. O mesmo se pode dizer de gestos, linguagem, modos, rugas e cicatrizes que a máscara não cobre. E mesmo quando a fala é uma fala "consciente", um discurso "de pobre", ainda assim a verdade não está próxima. É que o maravilhoso, que falseia a realidade do trabalhador migrante, faz parte de sua nova verdade, de sua nova alienação. Sem o que não se pode entendê-lo e nem mesmo apoiá-lo.

Os que o apoiam entendem que o seu desenraizamento e, sobretudo, a sua migração temporária tem um efeito devastador sobre sua vida: rompe laços familiares, expressa a miséria e a impossibilidade da sobrevivência econômica no pequeno lote agrícola, próprio ou arrendado, denuncia a exploração que inviabiliza a vida sedentária e lhe impõe a vida nômade que desmoraliza, empobrece sua vida social. Num certo sentido, os próprios trabalhadores rurais pensam assim. O preconceito que os pequenos agricultores das áreas pioneiras têm contra o chamado peão-do-trecho, o temporário que trabalha nas derrubadas de matas das grandes fazendas, mostra bem o temor da ação socialmente desagregadora que pode advir do relacionamento com esse tipo de trabalhador, sem eira nem beira, vivendo precariamente do dia a dia,



frequentando, em seus pequenos intervalos de liberdade, os puteiros de beira de rua, sem família e sem vínculos. Não é o homem com quem o pequeno agricultor aceitaria de bom grado que sua filha casasse. É o reconhecimento da ruptura que essa situação representa que impede, muitas vezes, o retorno do peão à família. Ruptura que só pode ser consertada com o dinheiro, com o ganho acima das necessidades cotidianas.

É nesse sentido que o maravilhoso da mercadoria e do dinheiro adquire importância no mundo do migrante e, mais ainda, do migrante temporário. O supérfluo é a festa e, conseqüentemente, a negação do trabalho e da carência que o torna obrigatório. Mais ainda, é uma espécie de celebração da liberdade, pois não se trata da festa do patrão-festeiro ou do padre, da festa em que o outro dá de comer, mas da festa para ostentar. Se a migração temporária acentua a exploração do cortador de cana no canavial de S. Paulo ou do peão numa derrubada do Pará, criando uma nova miséria que empobrece o trabalhador como pessoa, ao submetê-lo a formas coercitivas e temporárias de trabalho, por outro lado o **liberta da coerção permanente**, das relações de dependência pessoal com o fazendeiro vizinho ou proprietário da terra. Rompe a dominação pessoal, abre alternativas de pobreza. Abre um caminho de emancipação da pessoa do trabalhador. Intuitivamente, ele pode perceber isso; e os que o apoiam nem sempre podem. Nem sempre entendemos porque a extrema violência que sofre o peão não lhe tolhe a alegria da farra na bebedeira com uma prostituta de ocasião num cabaré de povoado.

Pode-se dizer, com razão, que ele se torna escravo da miséria, tendo perdido a tosca fartura de camponês. Mas, apesar disso, entra num circuito de relações sociais, mediadas pelo dinheiro, que rompem ou, ao menos, comprometem a dependência pessoal. Nessa realidade materialmente negativa,

esse é o lado socialmente positivo. É na trama dessa contradição que o trabalhador migrante cresce e aprende, ganha nova perspectiva, alarga sua visão de mundo, suas relações sociais, sua consciência de si e dos outros.

Por isso, pode-se dizer que a migração temporária deixa marcas permanentes. O retorno periódico ao ponto de partida não reconstitui a identidade original nem as relações sociais originais do trabalhador. A migração não é estranha a esse pequeno mundo de origem: altera-o, modifica-o de tal modo que ao retornar o migrante já não encontra a mesma situação que deixara. Sua ausência modifica o arranjo das relações sociais. Com frequência, na história das migrações temporárias, mulheres e crianças são mobilizadas como mão-de-obra para substituir o trabalhador ausente. Curiosa contradição: quase sempre, o trabalhador migra temporariamente para assegurar a permanência de seu pequeno mundo camponês; migra para assegurar com ganhos extraordinários as carências econômicas que já não podem ser supridas pela própria unidade familiar de produção - seja por deterioração das relações de troca, seja por declínio da fertilidade do solo ou da produtividade da força de trabalho. Mas, ao voltar, só aparentemente tudo permanece como estava. O ausente e a ausência operaram mudanças importantes nas relações sociais do grupo familiar e do grupo de vizinhança. Qualquer projeto de solução do "problema" falhará se for um projeto de **restauração** e se não incorporar os aspectos positivos e libertadores da migração e da desorganização social que ela acarreta.

É arriscado supor que apenas grupos que, de algum modo, estão identificados com a tradição do pensamento conservador do século XIX, como a Igreja, encaram as migrações como problema e tem dificuldades para aceitá-las como um dado natural do processo de transformação social. As es-

querdas também lidam mal com o assunto. Mais frequentemente do que imaginam, indenticadas com a tradição liberal e contratual, têm dificuldades do lado oposto. Não encaram como **problema** as migrações, nem mesmo as migrações temporárias, e sim como **solução**: a migração é componente do processo de expropriação, desenraizamento e proletarianização do camponês. Rompe, assim, seu mundo de relações pessoais para lançá-lo no mundo das relações contratuais. Mergulha-o, pois, nas relações revolucionárias da condição operária. Essa perspectiva esconde a realidade das migrações, particularmente das migrações temporárias. Seu aspecto politicamente mais problemático fica de lado: a **duração social** dessas migrações, o **tempo** em que elas permanecem como elemento constante das relações sociais, pois a migração sendo temporária para o migrante pode torna-se duradoura para a sociedade.

As migrações temporárias não são um fenômeno recente nem específico do Brasil. Aqui, já há registros de migrações temporárias para a área do café, em S. Paulo, desde o século XIX. O que aconteceu ao longo desses anos foi o crescimento do número de trabalhadores temporários empregados nas várias culturas agrícolas e seu aumento em relação ao número de trabalhadores permanentes. No fim do século passado e início deste, governantes e fazendeiros de café já tratavam de organizar viveiros de mão-de-obra para o trabalho temporário da colheita, redutos dos chamados trabalhadores volantes. A migração temporária tornou-se, até, um fenômeno internacional. Na mesma época, a "migração golondrina" permitia que trabalhadores italianos fossem colher trigo na Argentina e retornassem, em seguida, à sua parcela camponesa na Itália, para viajar novamente no ano seguinte. Com as facilidades de comunicação, as migrações temporárias internacionais tornaram-se um fenômeno comum: haitianos que vão cortar cana em São



Domingos, enquanto dominicanos vão cortar cana nos Estados Unidos; colombianos que vão trabalhar na Venezuela; mexicanos que vão colher frutas nos Estados Unidos. Por trás, está a questão mais importante: a **clandestinização das relações de trabalho**, a falta de contrato de trabalho, a burla de direitos, o barateamento da mão-de-obra (num país tão severo a respeito da migração, como os Estados Unidos, os plantadores de cana da Flórida podem importar mão-de-obra temporária do Caribe desde que não haja trabalhadores americanos que aceitem o salário oferecido). É uma forma de anular conquistas operárias conseguidas à custa de lutas demoradas.

Esse processo se defronta com organizações operárias geralmente despreparadas para enfrentá-lo. Os sindicatos são organizações locais, institucionais, e nesse sentido operam limitados por modalidades de relações de trabalho e

formas de institucionalização do conflito de trabalho dominados pelo jurídico e contratual e por uma definição de espaço do trabalhador que é centralizada pela empresa (e não pelo trabalhador), subjugada e gerenciada pelo capital, pelo patrão. Quando este consegue escapar desse espaço institucional limitado e operar num espaço mais amplo do que aquele da vigilância sindical local, impõe a seus trabalhadores formas extorsivas e violentas de exploração do trabalho, como ocorre com o número crescente de peões escravizados em diferentes regiões do país.

Não é estranho, pois, que a Igreja e não o sindicato faça hoje a tentativa de acompanhamento, mobilização e organização dos migrantes temporários. Ela parte da concepção ideológica de pessoa e sua totalidade, que vem originalmente da tradição conservadora, antiliberal, do século XIX. E que, na verdade, marcou, também, profundamente, num certo sentido, o

pensamento da esquerda, que se manifesta no lugar central que tem a noção de alienação na teoria socialista da sociedade. Engana-se, porém, a Igreja, quando adota uma concepção **restauradora** para solucionar o "problema" do migrante temporário - quando opera com uma concepção esquemática de reforma agrária distributiva que, ao restaurar a pequena agricultura familiar e as condições de vida das populações camponesas, poderia conter as migrações e suas consequências desagregadoras. A questão passa por aí, mas não como simples **restauração**. Isso porque o processo é mais abrangente, como vimos, e porque envolve consequências sociais positivas e importantes. Do mesmo modo que se enganam os que supõem que as migrações, mesmo causando misérias, têm apenas aspectos historicamente positivos. A clandestinização do trabalho enfraquece a classe trabalhadora; a migração não cria necessariamente o operário.

## DEPOIMENTO

### "Seria melhor não vir para São Paulo"

*"Eu estou vindo para São Paulo para ganhar um pouco mais porque em Pintadas (BA) o salário é pouco. A gente anda um pouco mais para ajudar o pai e a mãe que são pobres, e também para quando eu casar ter um pezinho de meia. Vai completar três anos que venho para trabalhar na usina da cana. Como esse pessoal mais velho vem sempre para cá, eu também dizia: um dia vou conhecer São Paulo!. Tenho também dois irmãos que já vieram para cá, e meu pai também já veio para conhecer, mas ele fica lá em Pintadas com os irmãos mais novos e a mãe para cuidar dos animais e da roça. Apesar de estar longe da família e sentir saudade do pai e da mãe, a mãe não quer que eu fique aqui sozinho..., eu tenho muitos amigos que cuidam de mim e que me consideram como irmão. Somos em dez irmãos. Quando estava em Pintadas, participava da comunidade, participava do grupo de jovens. Aqui nós somos um grupo de vinte baianos, moramos juntos numa casa da Vila Vanessa, em Santa Ernestina - SP. Fazemos nossa comida; cada dia é um que cozinha para o grupo. Conversamos bastante sobre nossa vida, contamos as notícias que chegam de Pintadas, um para o outro. Sempre recebemos carta da comunidade e também respondemos. No nosso grupo tem gente que trabalha durante o dia, e outros durante a noite. Seria melhor se a gente não precisasse vir para São Paulo, ficar todos lá cuidando da roça, ficando junto da família e da comunidade; e também as mães e as mulheres ficariam mais felizes se os homens ficassem por lá. Quando a gente se despende da mãe, ela não fica feliz."*

(José Mendes de Almeida - 20 anos)

(Nascido em Pintadas/BA, trabalha em Santa Ernestina/SP)